

CHOROGRAPHIA DO BRASIL (1922): ENSAIOS SOBRE A IMAGINAÇÃO GEOGRÁFICA E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL

Bruno José Rodrigues Frank¹

RESUMO

Produzido em 1922 pela editora FTD, o livro *Chorographia do Brasil* relembra o estado de arte da Geografia nacional. A corografia era utilizada como complemento do ensino da Geografia e se caracteriza pela descrição de um país ou de uma região, que seria substituída pela Geografia Regional. O artigo analisa a obra, extraindo a partir de sua estrutura as diferentes concepções e conceitos da Geografia em sintonia com seu contexto acadêmico e escolar, como Paisagem, região e território, abordados com forte apelo estético. O artigo procura sistematizar e sintetizar os conceitos e as abordagens presentes no livro conciliando-as com postulados positivistas, tradicionalmente associados ao espírito de época. Por último, procura identificar as características de estilo e forma de apresentação do conteúdo que estimulava a imaginação geográfica dos alunos, ressaltando as características literárias que se sobressaem na obra.

Palavras-chave: Material didático. Educação. Primeira República Brasileira.

1 INTRODUÇÃO

1922 é o ano da famosa semana de arte em São Paulo, Artur Bernardes é eleito presidente. No mesmo ano, Monteiro Lobato lançaria seu *Fábulas*, clássico da literatura nacional. No mundo, a década de 1920 assistia a um rápido entusiasmo com descobertas científicas e uma preocupação com o militarismo que vinha desde o término da primeira grande guerra. Este espírito de época se reflete nas obras e nos tratados educacionais, do qual os materiais didáticos são herdeiros diretos.

¹

Mestre em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina e doutorando em Geografia pela mesma instituição. Membro do Laboratório de Paisagem-CTU/UEL. Centro de Ciências Exatas. Departamento de Geografia. Rodovia Celso Garcia Cid | Pr 445 Km 380 | Campus Universitário. Cx. Postal 10.011 | CEP 86.057-970 | Londrina. E-mail: bruno.j.frank@gmail.com

O Brasil ainda não possuía ainda grandes discussões acerca de um “sistema” educacional. O manifesto escolanovista (1932) e as primeiras reformas como a Capanema (1949) estavam distantes (SAVIANI, 2012). O ensino público e privado se orientavam por bases descentralizadas, tendo como colégio modelo, o Dom Pedro II no Rio de Janeiro, à época, capital do país.

Elaborada com base nos *Programmas Officiaes* deste colégio, *Chorographia do Brasil* é um livro da coleção FTD indicada a alunos do primeiro ciclo. Publicado em prensa francesa (Lyon) no ano de 1922 foi material de apoio educacional de Geografia para muitos jovens durante a chamada Primeira República (1889-1930).

As corografias como eram chamadas, dedicavam-se à descrição de um país ou região geográfica. A obra se enquadra na tendência liberal conservadora, que tem suas bases epistemológicas no empirismo e no positivismo (FILHO, 2011, p.26-27).

O Brasil da década de 1920 ainda desconhecia seus limites e potencialidades. Os estudos em “andamento” e os “desconhecidos” aparecem em várias passagens de *Chorographia do Brasil*.

Imaginemos que sentados em uma sala de aula estão jovens que irão completar tais lacunas. Sua educação deve ser sólida para fornecer instrumentos para avanços no que ainda “não se descobriu” e ao mesmo tempo promover o apetite pela descoberta. A inspiração para transformações e invenções vem de fontes factuais de informação e é facilitado pelo contato com certa tradição já assentada, na qual o aluno poderia reconhecer-se, enriquecê-la e até, eventualmente transgredi-la. Estudar este tipo de obra é importante para compreender a atmosfera intelectual da época.

Tendo como referencial Carvalho (2012), neste artigo optamos por uma metodologia qualitativa. Através de uma leitura analítica da obra, procuramos sintetizar a estrutura geral do trabalho, sua abordagem e linguagem. Tal leitura foi feita procurando ater-se ao espírito de época.

A primeira parte do artigo trata da estrutura geral do livro, a forma como desenvolve os conteúdos e o uso da ideia das regiões naturais. Em seguida procura-se demonstrar em que medida, as técnicas descritivas providenciavam um apetite por descobertas. Por último, a função da obra na afirmação de uma identidade nacional calcada nos pilares do positivismo e do catolicismo.

2 ESTRUTURA GERAL E AS REGIÕES NATURAES DO BRASIL

A distância temporal que separa os materiais didáticos contemporâneos de *Chorographia do Brasil* impede o reconhecimento imediato de suas intenções e proposta pedagógica. Para isto é necessário habituar-se a sua estrutura e conteúdo (Figura 1).

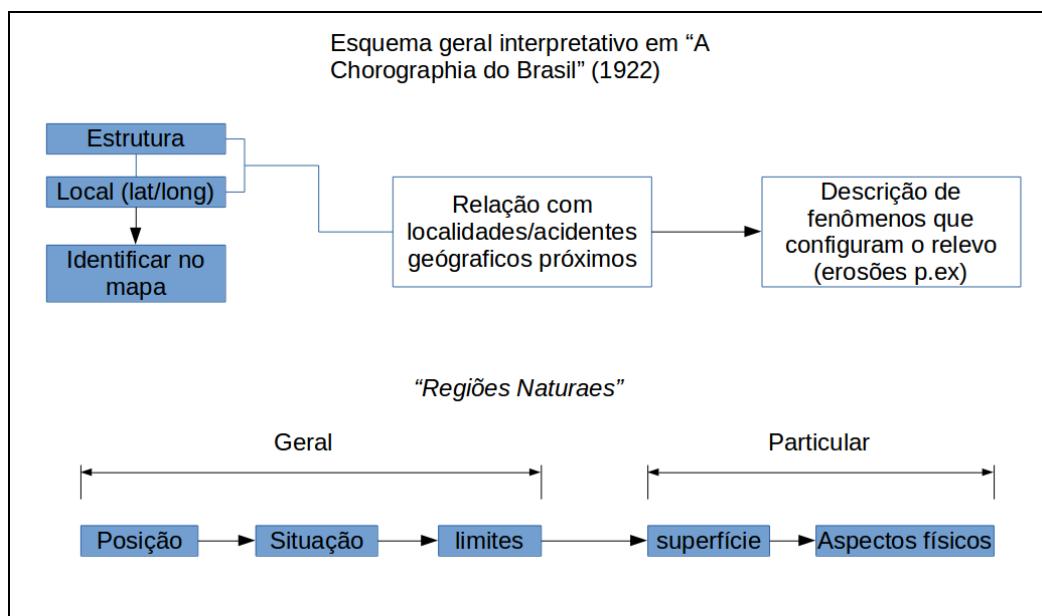


Figura 1: Esquema geral de Chorographia do Brasil.

Como instrumento, utiliza-se da corologia, ciência por trás da distribuição dos organismos. Isso é lugar comum na geografia clássica e opera em grande medida em torno do conceito de *habitat*. Como acentua Ruy Moreira (2008, p.142).: “(...) desde o recorte da paisagem (ou da paisagem como recorte) até o de habitat, num quadro de referência à organização do espaço na diferença e da superfície terrestre como corologia”.

De acordo com Leal (2009), a corografia “[...] fazia referência a um estágio taxonômico e descritivo da geografia, que Ritter vai sepultar com seu método comparativo (LEAL, 2006, p.6)”. Método esse que procurava por explicações gerais a partir da comparação entre áreas, com base em observações empíricas.

Embora existam certas regras gerais nos procedimentos de corografia, o livro apresenta uma estrutura de exposição textual que apresenta certa heterogeneidade. Uma vez que os procedimentos descritivos são atravessados por informações curiosas carregadas de exotismo assim como pequenas críticas pontuais de natureza positiva (progresso, avanço e evolução).

De forma sintética, os mecanismos de explicação dos fenômenos geográficos são basicamente: a diversidade e diversificação de *habitats* e as paisagens e gêneros de vida como resultantes da dimensão do país. Tal correlação explicativa aparecerá em grande parte do livro que tenta racionalizá-las ao máximo. Daí a grande preocupação com quilometragens e grandezas assim como do potencial estratégico que advém desta condição. A obra toma como limite do país, o Monte Roraima. No entanto ressalva que à sua época as reais dimensões e limites métricos eram desconhecidos ou alvo de controvérsias. Anotações do professor atualizam os dados até 1947. Mostrando que o livro vinha sendo utilizado por pelo menos 20 anos! O trecho a seguir dá uma ideia da situação

O Brasil é um dos raros países que se estende, sem interrupção, desde o equador até a zona temperada; deste facto resulta a variedade de climas, das produções e dos recursos. (...) dotado de fronteiras terrestres e de fronteiras marítimas, de comprimentos quase iguais ; de modo que pode tornar-se uma potência marítima e continental ao mesmo tempo. (grafia original, adaptado p.4)

Nessa fala, observamos a aplicação de uma importante teoria geopolítica em voga na época, que com base na obra de Mackinder, *The Geographical Pivot of History* (1904), dividia o mundo entre potências marítimas e terrestres (MAYHEW, 2009).

Partindo do geral para o particular: sistemático e lógico, o próprio índice do livro assenta-se sobre o ideário positivista (Figura 2). Além disso, o livro é estruturado por uma sequência numérica de assunto (ex: 1. Assunto. 2.1 especificidade do assunto anterior), sistematizados por uma hierarquia lógica (maior para o menor).

Mas do que trata esse positivismo na Geografia? Moreira afirma que sua essência é a:

(...) redução dos fenômenos a um conteúdo físico ou a um encadeamento, que faz as ciências interagirem ao redor desse conteúdo físico ao passo que as fragmenta por seus conhecimentos em diferentes campos de objetos e métodos específicos. A fonte dessa estrutura ao mesmo tempo integrada e fragmentada é a concepção do conhecimento científico como um processo que se dá indo do mais simples e geral ao mais complexo e específico. (MOREIRA, 2006, p. 27)

Carvalho (2012) aponta para um esquema “Terra-Homem”, lugar comum nos materiais de época. Este consiste em duas partes básicas, uma primeira com a descrição dos aspectos gerais do país e uma segunda com a divisão por Estados.

O enfoque nas datas e nos tratados é relacionado a contextos históricos específicos que são retomados de forma sintética ao longo do texto. Sempre partindo de uma tônica

“positiva” reafirma natureza conciliadora de nossa política externa. Há grande ênfase na figura do Barão do Rio Branco, no entanto trata de forma muito passageira a guerra com o Paraguai (1864-1870).

INDICE	
O BRASIL EM GERAL	
	<i>Paginas</i>
Situação, configuração, dimensões do Brasil.....	3
Fronteiras terrestres.....	8
Fronteira marítima — Do cabo Orange ao cabo Gurupy.....	14
Littoral entre os cabos Gurupy e São Roque.....	18
Littoral entre os cabos São Roque e Frio.....	20
Littoral entre o cabo Frio e o arroio Chuy.....	23
Accidentes do littoral brasileiro.....	25
Orographia do Brasil — Parimá.....	40
Sistema Brasileiro — Cadeia Marítima.....	42
Cadeia Central ou Centro-Occidental.....	44
Planaltos e Planícies.....	49
Potamographia do Brasil.....	54
Lagos e lagôas do Brasil.....	72
Clima e salubridade.....	73
Estructura geologica do Brasil.....	81
Producções do reino mineral.....	86
Producções do reino vegetal.....	91
Producções do reino animal.....	99
Ethnographia do Brasil.....	103
Governo e divisão administrativa.....	109
Instrucción publica.....	114
Agricultura.....	116
Industria.....	117
Commercio.....	119
Melios de communicação.....	120
ESTADOS DO BRASIL	
Amazonas	135
Pará	144
Acre	155
Maranhão	161
Piauhy	169
Ceará	177
Rio Grande do Norte	189
Parahyba	198
Pernambuco	206
Alagôas	218
Sergipe	230
Bahia	239
Espirito Santo	253
Rio de Janeiro	264
Distrito Federal	273
Minas	283
São Paulo	303
Paraná	318
Santa Catharina	327
Rio Grande do Sul	336
Goyaz	354
Matto Grosso	360
Retrospecto geral	375

LYON. — IMP. E. VITTE, 18, RUE DE LA QUARANTINE. — 6275

Figura 2: Conteúdos abordados na obra. Destaque para as divisões regionais e administrativas.
Fonte: F.T.D, 1922.

Há duas hipóteses para este comportamento. A primeira é de uma autocensura imposta pela própria mentalidade na qual o material foi escrito (retrato positivo do país) e a segunda, a tentativa de evitar uma censura direta, imposta pelo Estado que ocorreu durante a primeira República (SOUZA, 2003). Devemos levar em consideração que o assunto é tratado em outra disciplina, a História.

Na descrição de limites fronteiriços, coloca a par de situações históricas que levaram ao atual desenho, a partir de referências naturais e marcos territoriais: “Desde tempo remotíssimo, o Brasil tinha problemas e questões de limites com a maior parte de seus vizinhos; todas resolvidas de modo amistoso ou por meio de arbitragens” (FTD, 1922, p.9). Resumidamente, a ideia de território e seus limites estão diretamente ligados aos acordos geopolíticos, como Petrópolis 1903 (Bolívia), 1872 (Paraguai) entre outros.

Já na educação cartográfica visava posicionar e facilitar a consulta de mapas maiores. O material possui pequenas figuras e mapas e era indicado como complementar um atlas da mesma editora (*Geographia Atlas comum* e *Geographia Atlas Histórico* da própria coleção F.T.D).

Os autores da obra ressaltam a falta de um sistema “oficial” de divisão regional e das tentativas de classificação do território nacional. Com o objetivo de contextualizar os fenômenos geográficos, utilizam uma divisão sistemática do país com base em regiões naturais (Quadro 1).

A Região Natural é entendida como uma parte da superfície da Terra, e possuí como característica uma uniformidade resultante da combinação dos elementos da natureza, tais como clima, o relevo, a vegetação e as estruturas geológicas e geomorfológicas. Tal conceito está relacionado as correntes do determinismo ambiental (CORRÊA, 1987).

Por região natural entende “alguma extensão de terra onde se encontra grande semelhança, por toda a parte, a respeito do terreno, do clima, dos recursos *naturaes* e das condições de vida e de trabalho para o homem” (F.T.D, 1922, p. 132). Vejamos um exemplo:

O Brasil Setentrional ou Amazonico comprehende a parte brasileira da bacia Amazonas: tem uma área de cerca de 3.500.000 km² e uma população de uns 1.700.000 habitantes. É atravessado pelo equador, que o divide em duas partes: a parte boreal, menor e de relevo mais acidentada, e a parte meridional, maior e de relevo mais regular. É a maior zona do Brasil e, entretanto a menos povoada (idem, p. 133. Adaptado).

Quadro 1: Quadro síntese das regiões do Brasil segundo *Chorografia do Brasil*.

O Brasil por Regiões Naturaes segundo Chorographia do Brasil.	
1º Setentrional ou Amazônica	Estados do Amazonas e do Pará e o território do Acre.
2º Norte-oriental	Estados do Maranhão, do Piauí, do Ceará, do Rio Grande do Norte, Paraíba e Alagoas
3º Oriental	Estados de Sergipe, da Bahia, de Minas, do Espírito Santo, Rio de Janeiro e Distrito Federal (à época, Guanabara)
4º Meridional ou Platina	Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.
5º Central	Estados de Goiás e Mato Grosso. Abarcaria o então inexistente Estado de Tocantins
Fonte: <i>Chorographia do Brasil</i> (FTD,1922)	

Tendo o relevo como principal propõe-se a analisar a formação social e história de ocupação. Optam pela divisão do Brasil em cinco regiões e não em Estados. A natureza desta escolha é peculiar: “por amor a simplicidade e facilitar os estudos que não se desmembram os Estados na divisão do Brasil em cinco regiões *naturaes*” (idem, p.133). Um dos grandes problemas nesta abordagem é a excessiva generalização de características variadas a respeito de diversos ecossistemas, populações, etc, que o material comprehende com sua análise da Geografia política de cada estado da federação, separadamente (segunda parte da obra).

3 FRONTEIRAS REAIS E IMAGINAÇÃO DESCRIPTIVA: UM PAÍS A SE CONHECER.

A alternância entre escrita científica e criativa é uma maneira de contornar a falta de gravuras e fotografias. Estas, quando inseridas, aproveitam ao máximo o diminuto espaço da folha e alternam entre mapas de alta complexidade explicativa e imagens de paisagem do tipo gravura, sintetizando características climáticas, de altitude e vegetação nos exemplos (Fig.3).

Em aspectos gerais, as descrições possuem elevado apelo estético. Desenhando o contorno dos litorais com palavras, seus limites, coordenadas e diversidade (Figura 3). Um exemplo disso é a descrição geral do litoral brasileiro: “Seu aspecto é variadíssimo; ora são cabos alterosos, profundos golfos, ilhas, rochedos elevadíssimos; ora, são praias arenosas, mangues pantanosos e verdejantes, conforme os lugares” (F.T.D, 1922, p. 15). Outro exemplo gráfico comum é o tratamento dado pelo material à fauna brasileira (Figura 4).

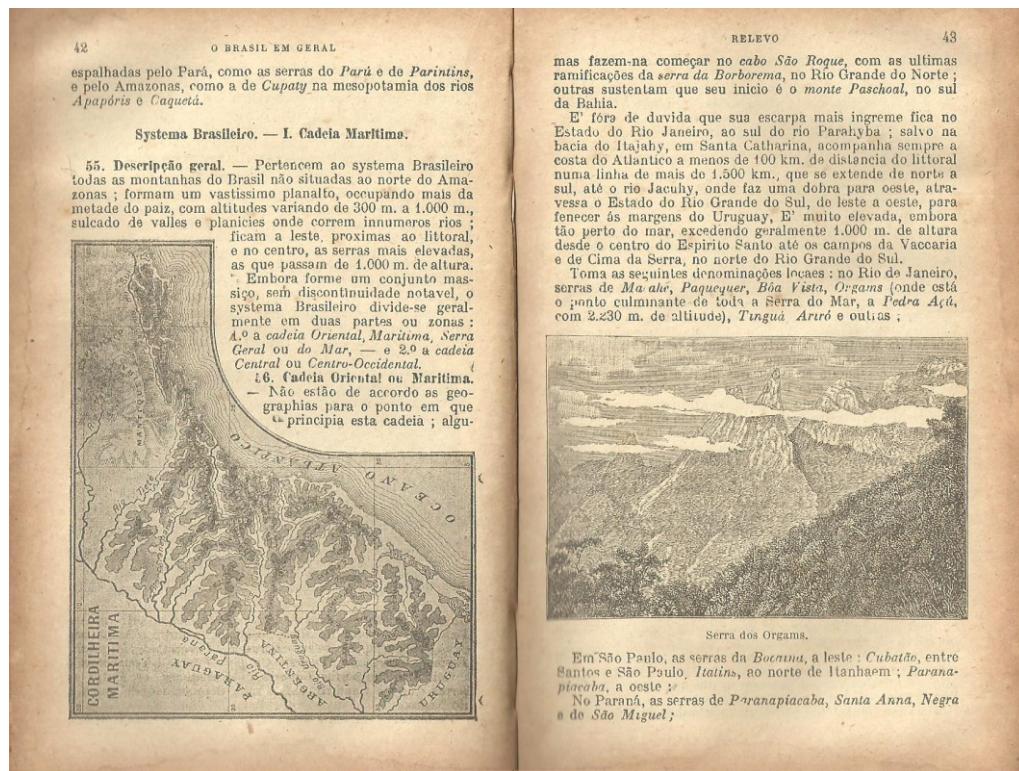


Figura 3: Aspectos textuais e gráficos da obra. Razoável para suas dimensões (18 x 11) Nota-se o esforço no preenchimento da página, bem adornada com desenho explicativo. Nesta página, o exemplo da cordilheira e um desenho da Serra dos Orgãos (RJ). Fonte: F.T.D, 1922, p. 42-43.

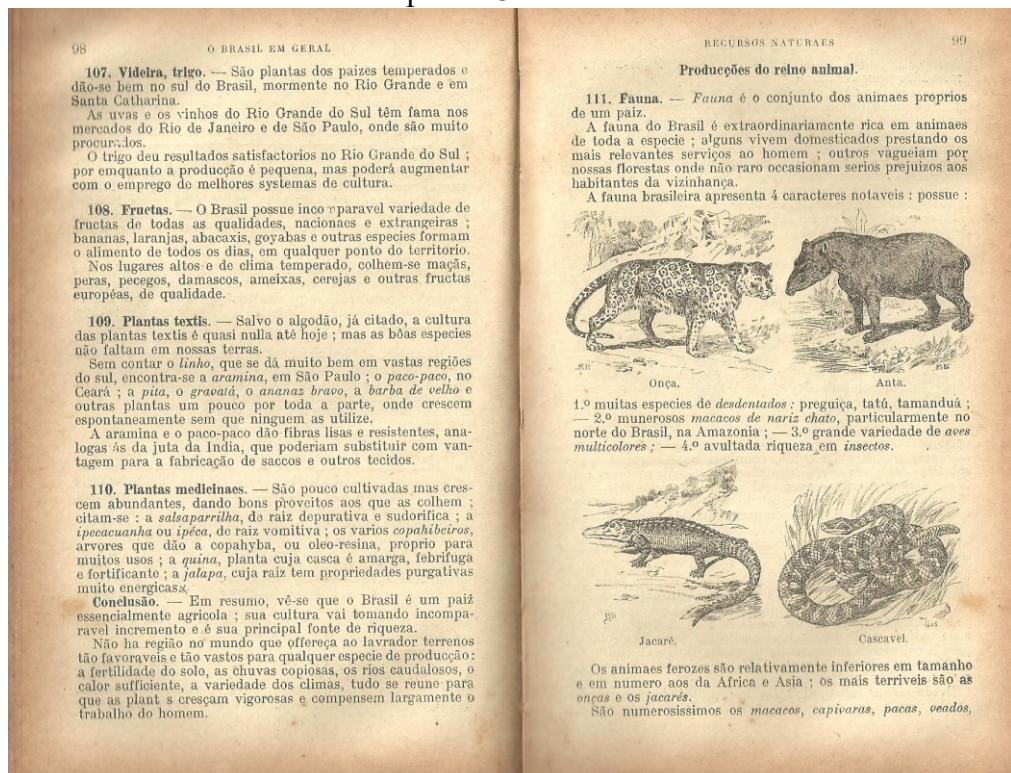


Figura 4: Exemplos de plantas e de animais comuns na fauna brasileira. Utilização de comparações. Na descrição: “terríveis” e “exóticos”, um apelo à imaginação. Fonte: FTD (1922, p. 99).

A obra estabelecia comparações com outros países, um elemento essencial ao exame crítico da personalidade de um país jovem. Havia uma exaltação das características exóticas de lugares e animais. Assim como as potencialidades e dificuldades de vasto território, que são ressaltadas e promovidas em tom heroico:

Os obstáculos de nossos caminhos e estradas são principalmente: a immensidate das distancias, a vegetação exuberante que tudo invade e transforma em matto, as chuvas que dão lama e desmoronamentos e, não raras vezes, os accidentes de um terreno montanhoso.” (idem, p. 128, grafia original).

O material adota uma tônica positiva no quesito racial (Figura 5), recobrindo de forma técnica e objetiva das diferentes matizes étnicas do país com uma conotação positiva e não pejorativa, reforçando as contribuições ao “progresso” do país por cada etnia.

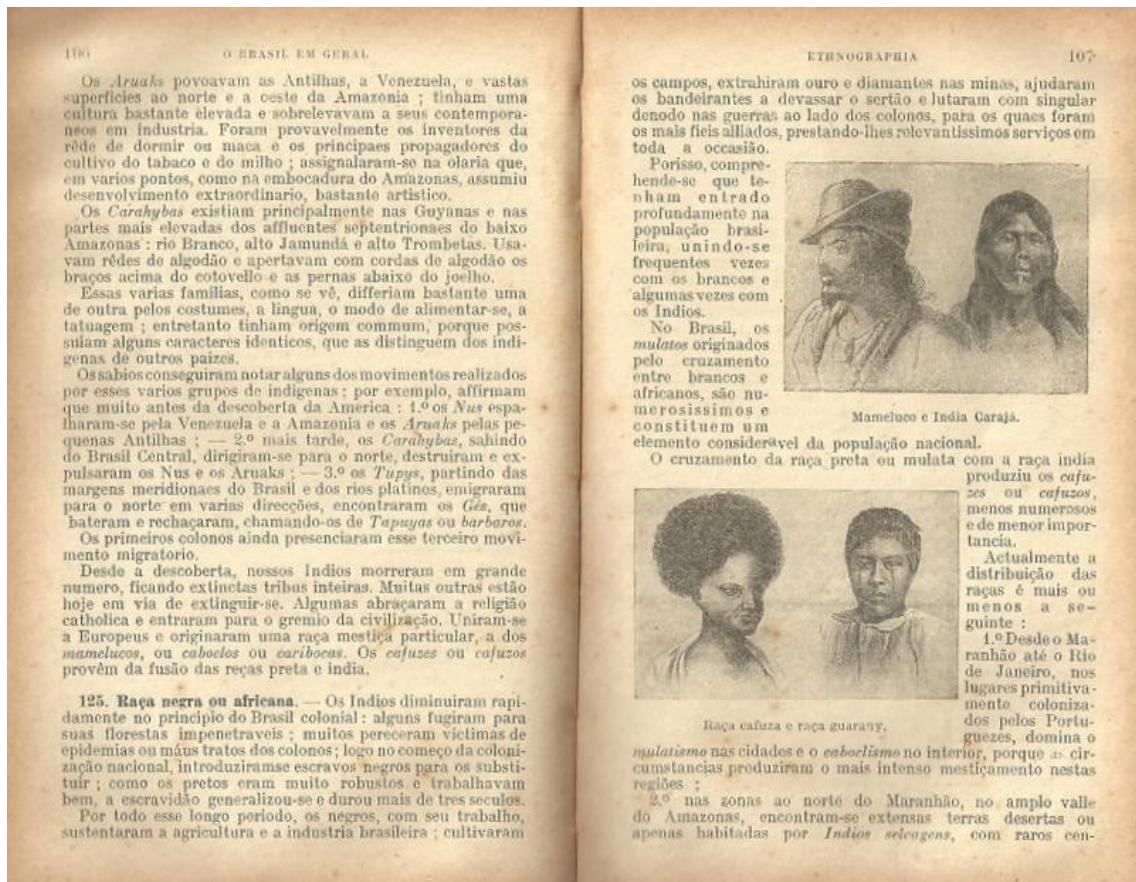


Figura 5: Tópico sobre Etnogeografia. Utiliza-se um sistema comparativo, as figuras são preparadas no estilo documental etnográfico. Fonte: FTD, 1922 p.106-107.

Neste e em outros temas, novamente um exotismo se mistura com uma linguagem científica objetiva (Figura 5). São identificados os padrões típicos dessas populações e sua localização geográfica, obedecendo à lógica do livro, sem desconsiderar, no entanto, a história do deslocamento dessas populações. Destinados à educação de classes urbanas abastadas, estas realidades deviam parecer distantes de grande parte do alunado.

4 A OBRA NO CONTEXTO DE AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL

Sabe-se que somente a partir do inicio do século XX, tomariam forma as primeiras obras escolares formais de Geografia do Brasil, através de Delgado de Carvalho e Everaldo Beckhauser, tendo como referência a Escola Dom Pedro II no Rio de Janeiro (MOREIRA, 2009).

Horacio Capel (2010) ressalta a importância da geografia escolar, principalmente a existência de um projeto nacional de ensino de Geografia (inclusão e incentivo nos currículos nacionais) para a consolidação da Geografia enquanto ramo independente da ciência. Neste livro, Capel examina o processo de consolidação das escolas de Geografia em diversos países (Itália, Inglaterra, Espanha e Rússia). E em seu exame fica claro esta relação entre ensino escolar de Geografia, Estado e institucionalização da Ciência. Neste ínterim, a Corografia enquanto discurso geográfico cumpre assim uma dupla função, ressaltada por Moraes (2005):

Cabe reafirmar a importância da Geografia enquanto veículo das ideologias geográficas. Em primeiro lugar, enquanto matéria escolar, ela divide com a história o papel de **transmissora de núcleo de informações básicas** sobre o país e o mundo, atuando diretamente na formação da consciência social e na visão dos indivíduos. Em segundo lugar, ela recobre um campo fundamental de levantamento das realidades empíricas, sendo o caráter corológico um dos subsídios essenciais do planejamento, o da atividade de outras ciências. E finalmente – o que mais nos interessa – a Geografia oferece **modelos discursivos de interpretação do real** que, pelos motivos aludidos no capítulo anterior, são bastante adequados para o equacionamento autoritário de uma formação como a brasileira. (MORAES, 2005, p. 112, grifo nosso).

A segunda consideração “modelos discursivos de interpretação do real” é vital para o entendimento do papel da relação entre a formação da identidade nacional e o material didático.

A filosofia da educação brasileira não abandonaria e de acordo com Capalbo (1978, p.39): “[...] suas raízes históricas, que consistem em inspirar-se de um ideal humanístico,

associado ao utilitarismo, não abandonando a ideia de que a educação moral e espiritual deve inspirar-se no cristianismo”.

A mistura do método positivista de ensino com uma moral cristã é reforçada ao longo do livro a partir do uso de algumas referências bíblicas. Importante lembrar que a editora FTD pertencia à Theóphane Durand, membro da congregação Marista, responsável pelo ensino em diversas cidades brasileiras. O último capítulo do livro, “retrospecto geral” nos dá uma ideia desta relação entre positivismo e catolicismo:

É a lei natural, provada pela história, que Deus concede prosperidade e felicidade aos povos virtuosos; portanto, no Brasil, como em qualquer paiz, o progresso na virtude e na religião é marcha para a frente, para maior prosperidade nacional. [...] Como meios de realização immediata e muito próprios para fazer do Brasil uma nação cada vez mais forte e prospera, apontam-se os dois seguintes:

- 1º O povoamento do solo;
 - 2º O aperfeiçoamento dos habitantes na instrucção, na virtude e na religião.
- (F.T.D, 1922, p. 380, adaptado, grafia original)

Observa-se como a obra coaduna com o projeto de formação de uma ideologia nacional, construídas sob o aspecto heroico das dimensões do país, um exotismo que convida a exploração de sua “diversidade”. O eixo estruturante da Geografia escolar brasileira já nasce clássica (MOREIRA, 2008, p.154). Por último, a moral cristã serve de reforço ao regime republicano, positivista em sua natureza.

5 CONCLUSÃO

Na base material da formação geográfica, o livro didático oferece uma sintonia aguda entre o contexto histórico em que foi escrito e a sua visão de conjunto da sociedade, o que senão representa um “consenso” absoluto de um período pode refletir as teorias em voga (a exemplo do livro).

A análise do livro confirma que as influências oriundas do positivismo presente nos materiais didáticos do primeiro quarto do século XX também estão presentes nesta obra. No entanto, devemos ressaltar a originalidade da obra não somente em sua influência religiosa como em suas qualidades literárias.

As generalizações feitas a respeito das tendências pedagógicas de cada período são importantes e resultam da dedicação de muitas gerações de pesquisadores que buscaram a sistematização do conhecimento. No entanto, quando olhamos para cada período e analisamos

uma obra individualmente (um pedaço da informação) podemos verificar variações na escrita, no estilo e na abordagem do assunto que muitas vezes se perdem no conhecimento sistematizado.

Pode-se aprender muito com obras antigas. E é através do material didático que o aluno de graduação possui um canal de comunicação com o antigo professor, servindo como inspiração.

CHOROGRAPHIA DO BRASIL (1922): ESSAYS ON GEOGRAPHICAL IMAGINATION AND THE MAKING OF NATIONAL IDENTITY.

ABSTRACT

Created by the FTD publishing house in 1922, the book recalls the state of the art in brazilian national Geography. Replaced later by regional geography, chorography (*chorographia*) was a descriptive approach, used as a complementary tool when teaching Geography. The article analyzes the work, drawing from its structure the different ideas and concepts of geography aligned within their academic environment, such as landscape, region and territory, aligned with a strong aesthetic appeal. The article seeks to systematize and synthesize concepts and approaches from the book, by reconciling certain positivist principles within the spirit of the times. In the end, we look for characteristics in form and style which promotes the geographical imagination in the students, emphasizing the literary connotation of the book.

Keywords: Teaching materials. Education. First brazilian Republic.

REFERÊNCIAS:

CAPALBO, C. As Raízes Históricas da Filosofia da Educação no Brasil. In: CRIPPA, A. **As Idéias Filosóficas no Brasil: Século XX - Parte II.** São Paulo: Convívio, 1978, p. 39-85.

CAPEL, H. **Geografia Contemporânea:** Ciência e Filosofia. Villalobos, Jorge (org). Maringá: EDUEM, 2010.

CARVALHO, Naiemer Ribeiro de. **Geographia do Brazil:** a construção da nação nos livros didáticos de geografia da Primeira República. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e Organização do Espaço**. Editora Ática, São Paulo, 1987. (Série Princípio)

FILHO, F. **Panorâmica das tendências e práticas pedagógicas**. Campinas: Alínea, 2011.

FTD. **Chorographia do Brasil segundo os Programmas Officiaes**. 1. ed. São Paulo; Lyon (impressão): Livraria Paulo de Azevedo e Cia. , 1922.

LEAL, F. M. Geografia: Ciência Corográfica e Ciência Corológica. **II Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico**, São Paulo, 2009, p. 1-18.

MAYHEW, S. **Dictionary of Geography**. Oxford: Oxford University Press, 2009.

MORAES, A. C. R. D. **Ideologias Geográficas: Espaço, Cultura e Política no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Annablume, 2005[1988].

MOREIRA, R. **O pensamento Geográfico brasileiro**: As matrizes clássicas originárias. São Paulo: Contexto, v. Vol.1, 2008.

MOREIRA, R. **O pensamento Geográfico Brasileiro**: As matrizes da renovação. São Paulo: Contexto, v. Vol.2, 2009.

MOREIRA, R. **Para onde vai o pensamento geográfico?** São Paulo: Contexto, 2006.

SAVIANI,D. **Educação Brasileira: Estrutura e Sistema**. Campinas: Autores Associados, 2012.

SOUZA, J. **O Estado contra os meios de comunicação (1889-1945)**. São Paulo/SP: Editora Usp - Annablume, 2003.

Recebido em 22/02/2016 e aceito em 24/05/2016.